

Nélson Pereira vai morar em Brasília e filmar seu 16º longa

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

O cineasta Nélson Pereira dos Santos, 62 anos, que lançou as bases do *Cinema Novo* com o seminal *Rio 40 Graus*, em 1955, está arrumando as malas para, mais uma vez, radicar-se em Brasília. Ele, que na primeira metade dos anos 60 ajudou a implantar o curso de Cinema da Faculdade de Comunicação de Massa, na UnB, a convite de Pompeu de Sousa, chegará à cidade, num primeiro momento, como professor. Depois, como cineasta.

Tão logo a UFF (Universidade Federal Fluminense) lhe dê merecida licença sabática (um semestre de descanso e pesquisa após cinco anos consecutivos de trabalho), Nélson se radicará em Brasília (por seis meses). Ele está tão otimista que prevê sua estada na cidade já para o segundo semestre deste ano. Só um ato burocrático adiará a *viagem pedagógico-cinematográfica* para o primeiro semestre de 92.

Ao chegar, Nélson vai direto para a UnB, que conhece muito bem. Iniciará as aulas num curso especial e, alguns dias depois, seus alunos estarão inseridos no processo de filmagem de *A Terceira Margem do Rio*, seu 16º longa-metragem, que chega depois de um grande hiato (seu último filme, *Jubiabá*, é de 1987). "Este não será meu primeiro filme realizado com alunos na equipe técnica", faz questão de registrar. "Na UnB mesmo", conta satisfeito, "realizamos, em 1963, o curta-metragem *Fala, Brasília*". Anos mais tarde (1967), "os ex-professores do curso de cinema da UnB (Luís Carlos Ripper, à frente) participaram comigo de *El Justicero*, que só tinha dois profissionais na ficha técnica — o fotógrafo Hélio Silva e eu". E tem mais: "No começo dos anos 70, quando o curso de Cinema da UnB foi fechado pelo então vice-reitor, José Carlos Azevedo, os alunos se transferiram para a UFF, onde eu era professor. Muitos deles, inclusive a Tisuka Yamazaki, trabalharam comigo em *O Amuleto de Ogum* (1974)".

Larga experiência — Com três décadas de experiência como professor universitário, Nélson espera ver seus alunos brasilienses exer-

cendo as mais diversas funções em *A Terceira Margem* (baseado em obra homônima de João Guimarães Rosa). Seu entusiasmo é tamanho, que ele já está pensando em transferir as locações cariocas do filme para Brasília. "Não haverá nenhum problema", avisa, "pois a parte urbana de *A Terceira Margem* se passa num conjunto

habitacional. Posso filmar na Ceilândia ou em Taguatinga". A parte mais substantiva do filme — que conta com participação financeira da TV Francesa — será realizada na Amazônia. O restante, em Brasília ou no Rio. Se depender da vontade de José Roberto Arruda e de Márcio Cotrim, Brasília será o cenário e Nélson se

mudará para cá, de vez. Na plenária final do *Grupo de Trabalho do Pólo de Cinema e Vídeo*, na tarde da última quinta-feira, o chefe do Gabinete Civil de Roriz provocou: "Nélson, já podemos comunicar aqui, oficialmente, que você virá residir em Brasília?".

Com seu sorriso calmo e jeito

tranquilo, Nélson retrucou: "Não, Arruda, vamos esperar a UFF liberar a minha licença sabática".

O cineasta que, semanas atrás, visitou o Clube do Servidor Civil — possível sede provisória do Pólo — chegou a pensar em usar as margens do Lago Paranoá como parte do cenário de sua primeira incursão no universo

roseano. E, como ninguém, ele está disposto a emprestar seu prestígio ao nascente Pólo audiovisual brasiliense. Em contrapartida, atuará como professor e diretor de um filme que terá a cidade como um de seus cenários.

Desde 87, quando lançou *Jubiabá* (produção da Embrafilme em parceria com a TV Francesa), Nélson não filma. Com o desmantelamento da Embrafilme, tornou-se difícil, até para ele, o decano do moderno cinema brasileiro, conseguir viabilizar suas produções. Mesmo que tenha nos franceses parceiros sempre interessados em seus filmes.

"Consegui", conta Nélson, "parceria com a TV Francesa para realizar *A Terceira Margem*, mas está faltando a contrapartida brasileira". Aliás, foram os franceses — mais uma vez — que impediram que os músculos do cineasta enferrujassem nestes cinco longos anos de ócio (desde o término de *Jubiabá*). Em Paris — rememora — "realizei para a FR-3, um programa televisivo, onde contei a história do cinema brasileiro. Este programa serviu para introduzir mostra de filmes brasileiros, cuja exibição foi iniciada no último dia 30 de março".

Sundance — Como não dispõe de recursos para produzir e dirigir filmes, Nélson vem-se dedicando, com afinco, ao magistério. Em 88, atuou como professor convidado na Universidade de Los Angeles. Depois, foi convidado para compor o Conselho Consultivo do Sundance Institute, que o ator e diretor norte-americano Robert Redford mantém no Kansas. Além de assumir o cargo de conselheiro no prestigiado instituto de Redford, ele proferiu palestras e participou de debates. Ano passado, atuou como professor convidado na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. E passou por muitos festivais.

E, "por sorte", foi um dos selecionados da Fundação Vitae, que lhe possibilitou bolsa de trabalho pelo prazo de um ano, para que escrevesse o roteiro de *A Terceira Margem*. "Como vê", pondera Nélson, com sua calma de paulista criado em Niterói, "encontrei mecanismos para sobreviver com dignidade à recessão que se abateu sobre a área cinematográfica".